

Marcadores discursivos interacionais: análise contrastiva entre duas variedades do português falado no Brasil

Raquel Meister Ko. Freitag¹

¹ Núcleo de Letras – Universidade Federal de Sergipe (UFS)

rkofreitag@uol.com.br

Abstract. *The focus of this paper is a contrastive approach of interactional discourse markers in two different Brazilian speech varieties. Interactional discourse markers in Itabaiana/SE (GELINS's data base) speech are analyzed and compared with results of these items in Florianópolis/SC speech (VARSUL's data base).*

Resumo. *Neste texto, são apresentados resultados acerca do uso e funcionamento de marcadores discursivos interacionais (requisitos de apoio discursivo) característicos da fala de Itabaiana/Sei (Banco de dados GELINS), os quais são comparados com resultados relativos à fala de Florianópolis/SC, com dados coletados do banco VARSUL, tendo em vista uma análise contrastiva entre as variedades do português falado no Brasil.*

Palavras-chave: marcadores discursivos; variedades lingüísticas; diversidade lingüística.

1. Contextualização

Este trabalho insere-se na discussão do primeiro aspecto proposto para o GT Variação e mudança em morfossintaxe: em que medida o português do sul do país se difere das demais variedades do português do Brasil? A comparação entre resultados obtidos para fenômenos variáveis é um método analítico que permite grandes avanços teóricos para a pesquisa lingüística, uma vez que transcender os limites de uma única variedade lingüística possibilita o estabelecimento, refinamento e fortalecimento de generalizações e princípios de variação e mudança universais.

O campo específico a ser analisado aqui são os marcadores discursivos de função interacional, também chamados de 'requisitos de apoio discursivo'. Estes itens lingüísticos têm uma descrição e análise bastante sedimentada no âmbito do projeto VARSUL, especificamente na amostra de Florianópolis/SC. Tais resultados são decorrência do desenvolvimento dos projetos coordenados pela professora Edair Maria Gorski: "Marcadores discursivos na fala de Santa Catarina – I e II", no período 1995-2000, e "O percurso de gramaticalização/discursivização de formas de base adverbial e verbal: funções e formas concorrentes I e II", em curso de 2000 até atualmente.

O desenvolvimento destes projetos não só formou recursos humanos (iniciação científica de graduandos (PIBIC/CNPq/UFSC), mestres e doutores, como também resultou em produção científica divulgada em periódicos e coletâneas.

A perspectiva teórica adotada nas investigações reúne pressupostos da teoria variacionista laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001) e da teoria funcionalista de linha norte-americana, segundo a qual a gramática, motivada e explicada pela situação comunicativa, é estruturante de aspectos comunicativos da linguagem (a estrutura é vista como maleável e dependente da função), englobando, além da fonologia, morfossintaxe e semântica, também aspectos

pragmáticos inferenciais (TRAUGOTT, 1995; GIVÓN, 1995). Assim, situada na interface sintaxe/discurso e com orientação teórica de base pragmático-discursiva, a gramática é concebida como resultante de pressões de uso, portanto adaptativa e em constante movimento. Sob esta ótica, admitem-se motivações de natureza diversa em competição; tem também lugar o paradigma da gramaticalização como um processo especial de mudança lingüística.

Marcadores discursivos (ou ‘marcadores conversacionais’, ‘operadores argumentativos’, ‘articuladores textuais’, não há consenso na literatura acerca da denominação) é um rótulo amplo que recobre construções que atuam tanto no plano textual, estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala (GORSKI et al., 2004; MARCUSCHI, 1989).¹ Sob o escopo dos marcadores discursivo se insere a categoria dos ‘requisitos de apoio discursivo’ (MACEDO; SILVA, 1996), marcadores discursivos de natureza basicamente interpessoal.²

Os requisitos de apoio discursivo são caracterizados por desempenhar funções relacionadas à organização da fala, nos planos

- (i) *interpessoal*, atuando como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional (MACEDO; SILVA, 1996);
- (ii) *interpessoal e textual*, solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto dando relevo, na função de focalização, àquilo que os antecede (TRAVAGLIA, 1999; VALLE, 2001; GORSKI et al., 2003);
- (iii) *rítmico*, atuando como marcadores de ritmo (formas automatizadas), ou ‘pontuantes’, perdendo sua modulação interrogativa (VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993).

Nem sempre é possível delimitar uma função da outra, dado que os requisitos de apoio discursivos são construções originárias de verbos ou adjetivos que passam por processo de mudança lingüística, e por isso, uma mesma forma pode desempenhar simultaneamente as três funções. Os requisitos de apoio discursivo atuam, primariamente, no plano *interpessoal*, dada a sua origem como pergunta (pergunta plena > pergunta semi-retórica > pergunta retórica). No plano *interpessoal e textual*, atuam como elementos focalizadores de informações no texto. A focalização de informações está associada à noção de *relevo* (TRAVAGLIA 1999, p. 77-81): o falante, ao formular seu texto, vale-se do relevo para (i) destacar elementos específicos dentro do texto em relação a outros (relevo positivo); e (ii) ocultar ou rebaixar certos elementos em relação a outros (relevo negativo).

¹ Risso *et al.* (1996, p. 21-22) consideram problemática a definição e a delimitação do grupo dos marcadores, composto por elementos de natureza extremamente heterogênea – envolvendo desde sons não lexicalizados (*humhum, hãhã*) até sintagmas mais desenvolvidos (*eu acho que*). Também Macedo e Silva (1996, p.13) apontam grande dificuldade em definir o que são marcadores discursivos: qualquer partícula ou expressão que ajuda a arrumar o que se quer dizer seria um marcador discursivo.

² Requisitos de apoio discursivo já foram objeto de diversos estudos (CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; RISSO; SILVA; URBANO, 1996; URBANO, 1999; RISSO, 1999; SILVA, 1999; MACEDO; SILVA; 1996; MARTELOTTA, 1996, 1998, 2004; VOTRE; MARTELOTTA, 1998; FREITAG, 1999, 2001; VALLE, 1999, 2001; GORSKI et al., 2003; GORSKI; FREITAG, 2006, entre outros).

A função de relevo positivo recobre funções mais específicas como: ênfase, intensificação, marcação de um valor especial, estabelecimento de contraste, reforço de um argumento, sinal de importância para a estrutura ideacional/informacional, marcação de foco informacional, etc., marcadas diferentes recursos lingüísticos, (aspectos fônicos, itens lexicais, elementos morfológicos, estruturação sintática, parênteses, recursos expletivos), dentre os quais se inserem os marcadores discursivos.

A focalização de informações pode ser considerada uma função de natureza *interpessoal*, pois o falante, por meio de requisitos de apoio discursivo, chama a atenção para determinado trecho ou elemento textual com objetivos pragmáticos de ativar a informação na memória do interlocutor, checar a compreensão do que foi dito, destacar certas informações em relação a outras, etc., e também uma função de natureza *textual*, pois os requisitos de apoio discursivo podem ser usados para dar relevo a itens e trechos do texto com o objetivo de organizar o texto, ordenando segmentos textuais.

Em um estágio mais avançado da mudança lingüística, os requisitos de apoio discursivo funcionam como marcadores de ritmo da fala, já com a sua massa fônica reduzida, esvaziados de significado referencial e do contorno interrogativo da pergunta que o originou. Nesta subcategoria, estão os marcadores *né?* e *tá?*, que apesar de serem formas reduzidas, extremamente recorrentes e esvaídas de significado referencial, desempenham a função de manter e ritmar o turno do falante.

A superposição de funções dos requisitos de apoio discursivo pode ser observada nos excertos (1)-(7) a seguir, que constituem uma amostra das diferentes formas que desempenham a macro-função de requisitar apoio discursivo, marcando focalização de informações, tanto no plano interpessoal como textual.

- (1) Protocolo? O protocolo é a alma da, da repartição, *certo?* É onde entra a correspondência, entra processo, entra ofício, sai processo, sai ofício, autua processo, enfim, de tudo. (SC FLP 02 MAP)³
- (2) Depois nós saímos daqui fomos morar também, moramos no Morro do Céu, o Morro do Céu, ontem é, hoje é onde é o Morro da Cruz, *né?* funciona a TV, a televisão lá em cima. Moramos muito tempo lá também. Moramos na Prainha, *tá?* Tempo depois nós, *né?* nós crescemos, meu irmão mais velho casou, eu continuei ajudando a mãe também. Depois também casei. (SC FLP 18 MAC)
- (3) I: Então aquilo ali era lindo porque a gente morava naquela casa do Mercado. Então naquela casa de noite tu sentias o barulho do mar, *viu?* no meio, bem embaixo da ponte Colombo Sales, tinha a Ilha do Carvão.

E: Ah, tinha mar e depois tinha uma ilha?

I: Tinha uma ilha. A Ilha do Carvão era uma casa antiga, *viu?* e ali chamava-se a Ilha do Carvão. Ali, antigamente, existia carvão que eu acho que dava pros navios,

³ A sigla refere-se à identificação da entrevista de onde foram coletadas as ocorrências. O corpus é constituído por 36 entrevistas de Florianópolis, uma das cidades do Banco de Dados VARSUL, estratificadas quanto ao sexo, três faixas etárias, e três faixas de escolarização. As duas primeiras letras referem-se ao estado (Santa Catarina), as três letras seguintes referem-se à cidade (Florianópolis) e o número é o número do informante. A sigla seguinte informa o sexo do falante (F para feminino e M para masculino), a faixa etária (J para 15 a 21 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos) e o tempo de escolarização (P para 2 a 4 anos, G para 5 a 8 anos e C para 9 a 11 anos).

né? eu não me lembro bem, essa parte aí eu não estou bem lembrada. Mas ali morava um casal de velhinhos. (SC FLP 24 FBC)

- (4) Ah, querida, agora isto aí, eu, assim, de religião, eu vou ser franco e te dizer: vou na Igreja, *compreendes?* mas não levo a religião muito a profundo, *compreendes?* É. Se fosses fazer essa pergunta pro meu irmão, ele te daria tudo bem esclarecido, porque é um católico bem aprofundado. (SC FLP 12 MBG)
- (5) Mas, também, se não quiser, também não precisa colocar que salada fica ótima do mesmo jeito sem salame. E tem o molho também pra salada que é: meia xícara de maionese, *sabes?* Tu pegas a maionesezinha, o suco de meio limão, sal, pimenta e um pouquinho de açúcar, *tá?* Isso é o que vai. (SC FLP 01 FAP)
- (6) Ela conversava muito comigo. Eu, eu gostava muito de conversar, eu era novo. Ela até, ela, uma senhora de setenta, eu com vinte e poucos anos, quer dizer, eu tinha cinquenta anos de experiência pra frente, *entendes?* Eu sempre fui assim. Conversar com a pessoa de cinquenta anos, quer dizer, eu tinha vinte. Dá cinquenta anos de experiência pra frente. (SC FLP 04 MAP)
- (7) Aí também nós fizemos lá uns trabalhos assim de comida, *não tem?* Aí um amigo meu levou o tang pro colégio. Levou tang e a gente fez tang e já tomamos tudo lá, tudo, baita pra caramba! (SC FLP 14 MJG)

A multifuncionalidade dos requisitos de apoio discursivo é decorrente do processo de mudança lingüística que os tem levado de um uso originariamente como verbo lexical pleno ou adjetivo (função referencial) – estar, saber, entender, ser, ter, compreender, ver, certo – a um uso interativo revestido de valores pragmáticos no discurso. Apesar da origem verbal e adjetival, as formas destacadas em (1)-(7) não se comportam como flexões dos verbos nem como adjetivo; são estruturas cristalizadas e pertencentes a outra categoria, a de requisitos de apoio discursivo, uma sub-categoria dos marcadores discursivos. Esta categoria existe na gramática internalizada do falante, mas não existe como categoria na gramática normativa. Por conta disso, os marcadores discursivos são alvo de estigma social. Uma das características da competência sociodiscursiva do falante é o uso de marcadores discursivos adequadamente em sua fala, pois não estes não são meros “preenchedores de vazios” da comunicação, mas sim estratégias elaboradas de tomada, retomada e manutenção de turno, foco de atenção e de coesão textual, sendo necessário incluí-los nos programas de ensino de língua materna. Como são formas variáveis, sensíveis aos contextos sociocultural e regional, se faz necessário realizar um levantamento em cada localidade, a fim de contribuir plenamente não só com a descrição do português falado no Brasil, mas também suprir uma carência de estudos localizados para subsidiar a elaboração dos projetos pedagógicos de ensino de língua materna.

No âmbito dos projetos desenvolvidos, num primeiro momento, descrevíamos os usos e aventávamos algumas discussões teóricas acerca dos processos originários dos marcadores discursivos, tais como a dissertação de Carla Regina Martins Valle *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos* (2001) e o artigo *O uso de tá? e certo? na fala de Santa Catarina*, de Raquel Meister Ko. Freitag, publicado no Working Papers (2001). Num segundo momento, passamos a discutir problemas de interface e correlação entre os modelos teóricos, reflexões publicadas em *Marcadores discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização*, de Carla Regina Martis Valle,

publicado no Working Papers (2000), e o artigo *O percurso de gramaticalização/discursivização de formas de base verbal: funções e formas concorrentes*, publicado na revista Estudos Lingüísticos (2002), decorrente da sessão coordenada com o mesmo título, apresentada no XXXI GEL, com contribuições de Edair Gorski (coordenadora), Adriana Gibbon, Carla Regina Martins Valle, Claudia Andrea Rost, Diane Dal Mago e Raquel Meister Ko. Freitag, e no capítulo *Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização*, de autoria de Edair Gorski, Maria Alice Tavares, Adriana Gibbon, Carla Regina Martins Valle e Diane Dal Mago, publicado no “livro Português brasileiro - contato lingüístico, heterogeneidade e história” (2003).

Nos desdobramentos do projeto, apontamos a recorrência entre tipologia textual e marcadores discursivos, tais como no trabalho resultante da sessão coordenada *Gêneros discursivos na sociolingüística: procedimentos metodológicos*, apresentada no 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – SIGET (2007), com a participação de Angela Cristina di Palma Back, Claudia Andrea Rost, Mariléia Reis e Raquel Meister Ko. Freitag.

Já reflexo de muitas discussões, amadurecimentos e avanços no campo do conhecimento está o capítulo *Marcação e comportamento sociolingüístico de marcadores discursivos interacionais de base verbal na fala de Florianópolis*, de autoria de Edair Maria Gorski e Raquel Meister Ko. Freitag, publicado no livro “Variação, mudança e contato lingüístico no português da Região Sul” (2006). Neste texto, discutimos aspectos relacionados ao uso dos “requisitos de apoio discursivo” na fala dos florianopolitanos, com base nos dados do VARSUL, focando a dupla noção de marcação: marcação lingüística e marcação social. O efeito da marcação lingüística (GIVÓN, 2001) se manifesta na relação icônica entre o processamento cognitivo da língua e sua representação material no discurso, no sentido de que processos de produção mais complexa são codificados lingüisticamente através de formas materiais mais marcadas. Segundo Givón, formas que pertencem a uma mesma categoria gramatical diferenciam-se quanto ao grau de marcação: as marcadas tendem a ser utilizadas em contextos cognitivo-comunicativos complexos; por sua vez, as formas não marcadas tendem a ser utilizadas em contextos mais simples. Ou seja, as formas gramaticais podem vir a receber usos especializados, particularizados para certos contextos em razão de seu grau de marcação lingüística. (GORSKI; TAVARES; FREITAG, 2008). A marcação social refere-se aos valores de estigma/prestígio atribuídos às formas lingüísticas pela própria comunidade de fala. O estudo apontou que, embora certas formas fossem lingüisticamente menos marcadas, o estigma social atribuído pela comunidade de fala florianopolitana, particularmente às formas *não tem?* e *entendesse?*, direcionava seu uso. Como o estudo fora realizado em uma comunidade de fala específica, as autoras sugerem que novos estudos sejam feitos, a partir de dados de outras variedades lingüísticas, para refinar a discussão teórica envolvida acerca da correlação entre marcação lingüística e social.

Assim, neste texto, são apresentados resultados do projeto “Procedimentos discursivos na fala de Itabaiana/SE” (Edital Universal 03/2007 FAPITEC/FAP-SE), o qual se propõe a analisar estratégias gramaticalizadas de interação, seqüenciação e modalização em banco de dados de fala constituído nos moldes da sociolingüística variacionista. Especificamente, são apresentados resultados acerca do uso e funcionamento de marcadores discursivos interacionais (requisitos de apoio discursivo)

característicos da fala de Itabaiana/SE (projeto financiado pelo Programa de Auxílio à Integração de Docentes e Técnico-Administrativos Recém-Doutores às Atividade de Pesquisa – PAIRD/2007/UFS), os quais são comparados com resultados relativos à fala de Florianópolis/SC, com dados coletados do banco VARSUL, tendo em vista uma análise contrastiva entre as variedades do português falado no Brasil.

2. Metodologia

Para subsidiar o projeto *Procedimentos discursivos na fala de Itabaiana/SE* está em andamento a coleta de entrevistas para a constituição de um banco de dados vinculado ao Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade.⁴ A coleta segue a metodologia da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972; 1994; 2001; WEINREICH et al., 1968), nos moldes do que é feito pelo VARSUL e pelo VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), a fim de possibilitar a comparação de resultados entre as variedades linguísticas.

Quando finalizada a primeira etapa do projeto, o banco de dados contará com 24 entrevistas sociolinguísticas, com pessoas selecionadas em função de seu perfil social adequado à metodologia sociolinguística (morador da cidade, nascido na cidade, com pais nascidos na cidade), estratificados em 12 células sociais (fig. 1).

	Primário		Colegial	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
15 a 21 anos	2	2	2	2
25 a 49 anos	2	2	2	2
Mais de 50 anos	2	2	2	2
Total	24			

Figura 1. Estratificação social da amostra

Nesta etapa de desenvolvimento do projeto, o banco de dados conta com 10 entrevistas, com pessoas selecionadas em função de seu perfil social adequado à metodologia sociolinguística (morador da cidade, nascido na cidade, com pais nascidos na cidade). Também faz parte do Banco de dados do GELINS a amostra de fala e escrita, constituída nos moldes do banco de dados do projeto Discurso & Gramática. São 16 informantes estratificados socialmente que apresentaram uma receita culinária primeiramente na modalidade oral e depois na modalidade escrita.

A análise dos marcadores discursivos interacionais na amostra de fala de Itabaiana busca responder às questões: (i) quais são as formas utilizadas como marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana? (ii) que funções discursivas os marcadores desempenham na fala de Itabaiana, no que toca às funções interpessoal, ideacional e textual? (iii) quais os contextos linguísticos que podem desencadear o uso dos marcadores discursivos? (iv) qual o perfil social dos falantes? Neste texto, são apresentados os resultados referentes aos itens (i) e (ii).

⁴ Criado em 2007, o Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS) busca instituir e consolidar a prática de pesquisa linguística no agreste central sergipano, região onde está instalado o Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe. As ações do grupo estão voltadas para: (i) a investigação dos fenômenos da linguagem; (ii) a formação de recursos humanos; e (iii) a constituição de banco de dados linguísticos. As linhas de pesquisa vinculadas ao grupo são: (i) *Estudos da Oralidade: Fala, Escrita e Ensino de Língua Materna*; (ii) *Pragmática dos Atos de Fala*; e (iii) *Variação e Mudança/Gramaticalização*.

3. A comunidade de fala itabaianense

Localizada na região do agreste central sergipano, a cidade de Itabaiana é a cidade mais importante do Estado de Sergipe fora da região da Grande Aracaju. Situada na “serra” (cerca de 250 m acima do nível do mar, com o ponto mais alto de 650 m), com uma população estimada em 85.000 habitantes, vive do comércio (tem uma feira muito tradicional na região) e produção de hortaliças e grãos (fig. 2).



Figura 2. Localização geográfica de Itabaiana/SE

Além disso, a cidade é conhecida como “a capital dos caminhoneiros” na região Nordeste (fig. 3).

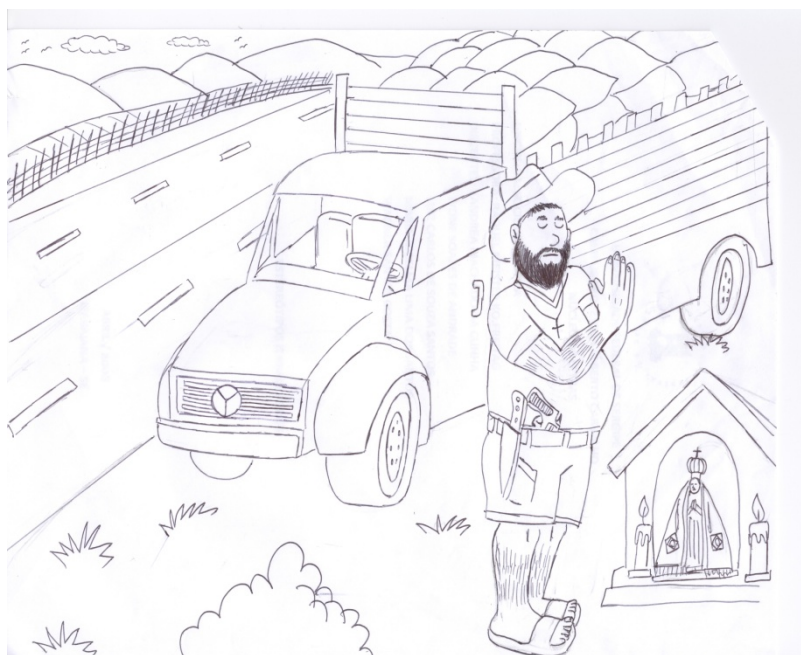


Figura 3. Representação do Itabaianense⁵

A relação dos itabaianenses com sua cidade é muito forte e positiva: a rivalidade com Aracaju, a capital, por exemplo, não existe, porque na opinião dos itabaianenses, Itabaiana tem tudo que é preciso, não é necessário ir à capital. “Capital do Agreste” e “Princesa do Agreste” (e por ocasião da campanha eleitoral municipal, um candidato a vereador chamou a cidade de “nossa metrópole”) são outras denominações atribuídas carinhosamente à cidade.

⁵Ilustração dos estereótipos lingüísticos itabaianenses de autoria dos estudantes da disciplina Sociolingüística, semestre 2008.1, do curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, em Itabaiana/SE.

Assim como a comunidade florianopolitana, com seu “oioió” e “tás tolo”, os itabaianenses também são associados às peculiaridades de sua fala, com traços reconhecidos regionalmente. Especificamente, a palavra “canço”, usada tanto como adjetivo positivo como adjetivo negativo, é associada como uma característica do falar itabaianense (fig. 4).



A reza do itabaianense

Minha Nossa Senhora tô munto chateado
 Porque um fio do canço mariano
 Me lesou!
 Levou meu dinheiro embora
 E até agora num volto.

Rodo o dia e rodo a noite
 Num me canso de trabaíá
 A Senhora mermo vê
 Num preciso nem falá.

O meu maior bem que eu desejo
 É o bem de minha famiá
 Tô veno que por causa desse gaiato
 Vou enfiá a mão na bainha.

Vô puxá minha pexera!
 E sem dó nem covardia
 Esse cabra vai pagá
 Tamanha ousadia.

Mexê com um itabaianense
 Dá um cabrunco na gente
 Dá vontade de vingá
 E suas tripas arrancá!

Só a Senhora minha Santa
 Pra poder a nós salvá!

Figura 4. A reza do itabaianense ⁶

- (8) “rapaz... canço eu considero como uma marca registrada do povo de Itabaiana... por exemplo... você chegue em outra cidade... vá a Aracaju... você chegue a Aracaju... e solte esse nome... sem querer solte canço... aí o povo já olha pra você e já fala “esse é de Itabaiana”... esse ou é de Itabaiana ou tem parente lá pra falar esse nome” (MJ 14)⁷
- (9) “canço tem muitos significados... depende da ocasião né? por exemplo... você tá no colégio... recebe a nota da prova... aí é aquela nota boa... “oh:: nota boa do canço” é sinal que o negócio foi bom né? e quando é ruim você fala “fia do canço essa nota” assim pra tudo... passa uma mulher bonita na rua “oh fia do canço boa”... passa uma mulher feia “vai canhão do canço” (MJ 3)

Quanto às estratégias de interação, as falas de itabaianenses e florianopolitanos apresentam similaridades e diferenças quanto aos usos de marcadores discursivos, apresentadas na sessão a seguir.

⁶ Idem nota 5.

⁷ A classificação das entrevistas do banco de dados do GELINS provisoriamente é formada pela sigla informando o sexo do falante (F para feminino e M para masculino) e a faixa etária (J para 16 a 25 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos). O número ao final refere-se ao informante. A classificação por tempo de escolarização ainda não foi implementada.

4. Estratégias de interação na fala itabaianense

Na amostra da fala de Itabaiana analisada, dentre os marcadores discursivos interacionais do tipo requisitos de apoio discursivos, *né?* é a forma recorrente, a exemplo do que constata Valle (2001) na fala de Florianópolis, tal como ilustrado em (10).

(10) aí:: fiquei lá um tempo fiquei um mandato de três anos e quatro meses ... depois eu saí:: vendi:: as máquinas que eu tinha de Xerox ... éh... tirei meu nome da razão social do bloco que... que tínhamos e:: fui:: botar:: meu negócio ... lanchonete sorveteria:: ... um um bar::... e e não consegui na verdade sozinho gerenciar tudo *né?* (hes) não consegui tomar conta na verdade e:: ... nos nos primeiros quatro meses primeiro peguei a Micarana de dois mil e dois e um me paREce ... micarana de dois mil e dois:: ... e deu MUito dinheiro *né?* só aquilo subiu pra mente o cara era muito novo *né?*(MA 3)

Merece comentário a ocorrência de *né não?*, a qual é constituída de uma dupla negação (não é não?), forma significativamente menos recorrente do que *né?*, mas que desempenha as mesmas funções nos mesmos contextos, tal como ilustrado em (11).

(11) é... no começo oi... com oito dias que eu tido ela... ele passou o dia todo fora... que era pra ter comigo... e ele passou o dia todo fora com os menino do jogo... aí eu acho que assim... palavras que diz... que a pessoa vai enjoando eu acho que... chegou um certo tempo que assim... o que ele fez ... assim o que ele fez ele tá pagando... que agora é o contrário... eu num ligo pra ele mais... ele fala que eu num ligo... mais... é porque eu num gosto mulher aí eu vou ficar com uma pessoa assim... fazeno carinho assim... sei lá... ele *ói* antes eu brigava... porque ele num gostava de sair muito comigo... e agora ele briga pra eu sair... acho que é o tempo *né não?*

Dos requisitos de apoio discursivos considerados linguisticamente mais marcadas, dado sua complexidade cognitiva e estrutural, encontram-se ocorrências de *entende?*, *entendeu?*, *sabe?* e *viu?* sendo recorrente na fala a forma *entendeu?*, tal como ilustrado em (12).

(12) mas a mi::nha mulher foi FUNdamental:: (hes) em todos os sentidos... pela força que ela me deu coragem ela segurou um TRAnco enORme por que se na época eu ganhava ... quatrocentos ela ganhava QUATro mil... *entendeu?* Há um tranco diferente o meu... mal dava pra pagar a faculdade e o táxi... que eu ia de táxi todo dia pra faculdade e voltava ... e voltava que eu não sabia e nem:: sei ainda hoje rodar de ônibus em Aracaju... *entendeu?* Ela segurou um tranco até eu até me reestruturar:: até eu conseguir guardar o MEU dinheiro depois que eu paguei todo mundo... depois guardei meu dinheiro comecei a gerenciar esse dinheiro de forma responSÁvel... e hoje digo a você que eu não passo mais aperto... não passo posso ficar digamos assim:: um:: ano sem trabalhar:: que eu não vou passar aperto... mas a minha vontade é que esse isso não venha acontecer... (MA 03)

Os requisitos de apoio discursivo de base verbal são originários de um contínuo de *pergunta plena* > *pergunta semi-retórica* > *pergunta retórica*, traço que caracteriza seu uso interpessoal. Na fala de Itabaiana, é bastante recorrente o uso de perguntas plenas, mas com função semi-retórica, como estratégia de interação, fato que merece um estudo sistematizado. Vejam-se os exemplos (13)-(18).

- (13) o arroz de forno... você pega o quê? um quilo de arroz bota pra cozinhar... com... com sazon... pode ser pra::: arroz branco... como você preferir... vários gosto de sazon *né?* colocou cozinhou tudo quanto tiver tudo cozinhado... o arroz... assim que você desligar o fogo... você pega dois ovos inteiro... joga dento e mexe... o arroz... que pra untar o arroz... depois do arroz untado... você vai na travessa... coloca o arroz... ái você pode colocar o quê? charque calabresa... escalda o charque... tudo bem picadinho... o charquezinho... escaldou o charque... torrou... separa a calabresa ... cortou ou em fatia ou também em cubinhos... torrou... reserva... depois de tudo reservado...tudo pronto pro recheio... você pode usar o quê? pode usar frango também se preferir... no arroz (MJ 02)
- (14) não conseguia era MUIta:: muita coisa saí do... saí do poder que eu tinha... antes e passei a ter o poder do dinheiro *né?* e o mau gerenciamento acaba o quê? em em falência *né?* (MA 03)
- (15) é verdade verdade porque... lá:: lá é assim... eu não errei mui::to ... eu era físico... como aqui eu sou *né?* nos meus pensamentos ... na minhas... decisões... e LÁ:: eu esqueci:: que... eu era::... eLEItO... não indicado... *né?* por político... por momento ... e:: eu:: não pensava duas vezes em:: ser:: ... firme no meu pensamento assim:: ... porque... o que acontece em escola pública? é:: que ... não tão nem aí *né?*... muitos professores não tão nem aí. (MA 03)
- (16) o acidente assim em dois mil e um ... eu tinha... eu tava trabalhando de moto boy... entregava lanche... tinha um ano de... de serviço só... teve uma noite aí que já era umas onze e meia mais ou menos da noite... eu... era... ia ter um evento aqui na cidade... aí não teve... aí foi o maior furdunção... aquela corre-corre ... e tal... o que acontece? um rapaz... um cliente nosso... assim... já de muito tempo... chegou lá e pediu pra entregar um lanche... e a lanchonete como tava... vendi... era um ponto de venda de... de... de ingresso... tava o maior alvoroço ... aquele corre-corre... polícia... gente querendo dinheiro de volta ...e tal... o que acontece? quando eu fui levar esse lanche era:: em torno de umas onze e meia por aí... entreguei o lanche... ao invés de eu voltar pra lanchonete... eu fiz o percurso ... pra arear a cabeça... tal... gostava de passear um pouquinho... é quando foi na::... na rua:: Eraldo Barbosa... esquina com::... com a Quintino Bocaiúva... aconteceu o acidente... foi:: eu vinha mais ou menos a uns oitenta por hora... e:: de... na esquina um cruzamento... quando eu dei por mim já vinha um farol em minha direção... acabou que eu num tive nem reação... só fiz:: ficar parado na moto virar o rosto e senti a pancada... nesse acidente... esse acidente:: dá... a partir desse momento eu num... apaguei... eu apaguei... num lembro de... de muita coisa... após o acidente mais. (MJ 01)
- (17) da minha família eu prefiro de todos... o que morra primeira seja eu... não vou menti... é:: num tenho... num quero passar... perder um irmão ou uma irmã... um pai... uma mãe... não sobre isso eu prefiro... se caso fosse... tivesse que escolher eu preferia ter ido naquela hora mesmo... mais:: mais o que acontece? o que acontece é que... o que acontece é que... depois daquele momento eu fui pensar mais... dar... dar mais vida... dar mais valor a vida... curtir mais a vida... ia pra muitas festas... não que:: você:: festa é tudo na vida... mais ir pra festas curtir as amizades... o namoro... aproveitar o máximo...tudo o máximo daquele momento pra frente eu sempre tinha:: um momento de reflexão... certo momento que eu parava assim ficava pensando... tal... (MJ 01)

(18)tem... tem diferença... ele é o que? mais carinhoso... o outro num era tanto... é mais compreensivo... é fica muito... assim do meu lado... agente conversa muito...(FJ 01)

A ocorrência da estrutura de pergunta semi-retórica se dá em diferentes tipos de seqüência discursiva, como em relato de procedimento (13), explanação (14-15), narrativa (16) e opinativos (17-18), indicando a que a estrutura pode ser considerada como uma estratégia já regularizada na gramática dos falantes.

Outras duas formas que não ocorrem na fala de Florianópolis, mas que costumam ser associadas ao falar da região nordeste, foram encontradas na amostra de fala de Itabaiana utilizada: *pronto* e *repare*.

(19)com namoro tudo vai ser... fazer QUAtro... no... no meio do ano... e:: de casamento... vai fazer... vai fazer três agora dia doze... *repare*. (FJ 01)

(20)E: mas você viu ou contaram?

F: bom... me contaram... eu num peguei... entendeu? me contaram... aí quando foi terminando a micarana e eu acabano com ele... aí agente se separou... *pronto* até hoje. (FJ 01)

(21)eu me separaria de novo... pra isso paga pensão... pagava pensão... *pronto*... cada um pro seu canto... que se realmente ele gostasse... fosse...gostasse mermo da pessoa... ele não faria isso num:: num trai... num ia trair. (FA 02)

A forma *repare*, imperativo do verbo reparar, parece desempenhar funções relacionadas com a chamada de atenção do ouvinte para o texto (ROST, 2002), similarmente a formas como *olha*, *veja*, *ói*, recorrentes na fala florianopolitana. A forma *pronto* também não é encontrada sistematicamente na fala florianopolitana, mas tem um comportamento bastante peculiar, com um esboço de análise apresentado por Christiano e Hora (2004), com descrição funções muito genéricas e exclui a função interacional; esta análise merece uma revisão dentro dos moldes propostos no âmbito do projeto “Procedimentos discursivos...”, tarefa que está prevista no seu desdobramento.

A análise preliminar do banco de dados do projeto “Procedimentos discursivos na fala de Itabaiana/SE” reforça a idéia defendida em Gorski e Freitag (2006) de que os marcadores discursivos interacionais são suscetíveis ao contexto sociolinguístico, com atuação da marcação social: falares de diferentes regiões do Brasil apresentam diferentes formas para desempenhar a função de requisito de apoio discursivo.

5. Considerações finais

Uma das propostas do GT “Variação e mudança em morfossintaxe” é averiguar em que medida o português do sul do país se difere das demais variedades do português do Brasil. Nesse sentido, a análise contrastiva aqui apresentada, ainda que em termos de diversidade formal, aponta que uma variedade linguística da região sul do Brasil, Florianópolis/SC, difere-se em alguns aspectos de uma variedade da região nordeste, Itabaiana/SE.

É preciso considerar, no entanto, que as diferenças entre os falares, ao menos no plano dos marcadores discursivos interacionais, são muito menores do que as similitudes. As mesmas formas são usadas em ambas as variedades linguísticas, com algumas poucas peculiaridades, como descritas na seção 4. Ou seja, a base comum entre os dois falares é muito maior do que as diferenças encontradas. Como ao contraste

apenas as semelhanças são percebidas, tem-se a impressão de que o vão entre os dois falares é muito maior, embora os estudos empíricos provem o contrário. O que faz com que as diferenças se tornem tão discrepantes na perspectiva do falante-ouvinte? Que fatores – cognitivos ou identitários – fazem com que traços lingüísticos mínimos distanciem as variedades lingüísticas faladas nas diferentes regiões do Brasil? Afinal, quem tem sotaque sempre é o outro...

A agenda de investigação do projeto “Procedimentos discursivos...” está orientada agora para contemplar os contextos lingüísticos que desencadeiam os usos das formas e o perfil social dos falantes de cada forma. Os resultados dessa etapa, cotejados aos da fala de Florianópolis, permitirão uma visão mais ampla do fenômeno, possibilitando a comparação dos usos sociais das formas em comunidades de fala distintas.

6. Referências

- BACK, Angela Cristina di Palma; ROST, Claudia Andrea; REIS, Mariléia; FREITAG, Raquel Meister Ko. Gêneros discursivos na sociolingüística: procedimentos metodológicos. In: 4o. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2007, Tubarão. *Anais do 4o. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Tubarão: UNISUL, 2007. p. 610-620.
- CHRISTIANO, Maria Elizabeth; HORA, Dermeval da. Item lingüístico ‘pronto’: entre a gramaticalização e a discursivização. In: M. Christiano; C. Silva; D. da Hora. (orgs.). 2004. p. 183-192.
- _____; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da. (orgs.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia. 2004.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. O uso de ‘tá?’ e ‘certo?’ na fala de Santa Catarina. In: *Working Papers em Lingüística*, 5. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. p. 25-41.
- _____. Os marcadores discursivos ‘tá?’ e ‘certo?’ na fala de Florianópolis. *Relatório final de pesquisa do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científicas PIBIC/CNPq/UFSC biênio 1998-1999*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- _____. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*, v. 4, p. 22-43, 2007.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
- GORSKI, Edair; *et al.*. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: C. Roncarati; J. Abraçado (orgs.). 2003. p. 106-122.
- _____; TAVARES, Maria Alice; FREITAG, Raquel Meister Ko. Restrições de natureza cognitivo-comunicativa: marcação vs. expressividade retórica em fenômenos variáveis. In: Claudia Roncarati; Jussara Abraçado. (Org.). *Português Brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, 2008, v. , p. 101-117.
- _____; FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcação e comportamento sociolingüístico de marcadores discursivos interacionais de base verbal na fala de Florianópolis. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação e mudança lingüística na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006, v. 2, p. 29-48.

- _____; et al. Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. In: *Estudos Lingüísticos*, v. XXXI, 2002. São Paulo.
- _____; et al. Mudança em fenômenos discursivos via variação e gramaticalização: o papel dos fatores sociais. In: *Estudos Lingüísticos*, v. XXXII, 2003. São Paulo.
- _____; ROST, Cláudia Andréa; DAL MAGO, Diane. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: M. Christiano; C. Silva; D. da Hora. (Orgs.). 2004. p. 29-64.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. Building on empirical foundations. In: Winfred Lehmann; Yakov Malkiel (orgs.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1982.
- _____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- MACEDO, Alzira Tavares; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais In: A.T. Macedo; C. Roncarati; M. C. Mollica. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996. p. 11-50.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: A. Castilho. (org). 1989. p. 281-318.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: S. J. Votre; M. M. Cezario; M. E. Martelotta (orgs.). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2004. p. 82-137.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Trajetórias verbo > marcador discursivo. In: S. J. Votre; M. E. Martelotta (orgs.) *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. 1998. mimeo.
- _____; VOTRE; Sebastião Josué, CEZÁRIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: M. Neves (org.). 1999. p. 259-296.
- RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores Discursivos: Traços definidores. In: Ingedore Koch (org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996. p.21-59.
- ROST, Claudia Andrea. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Curso de Pós-graduação em Lingüística. Universidade Federal de Santa Catarina.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Comunicação apresentada no XII *International Congress of Historic Linguistics*, 1995. Disponível eletronicamente em <<http://www.stanford.edu/~traugott/ect-paperonline.html>>.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: Maria Helena de M. Neves. (org.). 1999. p. 77-130.
- URBANO Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: Maria Helena de M. Neves (org.). 1999. p. 195-258.

VALLE, Carla Regina Martins. *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Curso de Pós-graduação em Lingüística. Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. Os marcadores discursivos ‘né?’ e ‘não tem?’ na fala dos florianopolitanos. *Relatório final de pesquisa do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científicas PIBIC/CNPq/UFSC biênio 1998-1999*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião; LAFOREST, Marty. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. In: *Langues et Linguistique*, n. 19, 1993. p. 71-103.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG; Marvin. *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97- 195.

Agradecimentos

FAPITEC (Edital Universal 03/2007 FAPITEC/FAP-SE) e Universidade Federal de Sergipe (Programa de Auxílio à Integração de Docentes e Técnico-Administrativos Recém-Doutores às Atividade de Pesquisa – PAIRD/2007), pelo apoio financeiro.